

## Entre versos e letras: uma carta de apelo a Deus, ao Diabo e a Freud – cada um na parte que lhe toca<sup>1</sup>

Eliecim Fidelis<sup>2</sup>

Senhor Deus dos desgraçados, responda ao poeta dos escravos se é loucura ou se é verdade tanto horror perante os céus! “Onde estás que não respondes?”. Embuçado, como estamos todos, nas barbaridades espalhadas na terra?

Como disse um compositor brasileiro, em meados dos anos setenta: “o que eu quero é Lhe dizer que a coisa aqui tá preta...”. Mas ele escreveu esse verso quando ainda tínhamos muito samba e se jogava futebol. Hoje, nem isto temos mais. Nem nosso querido São João, com suas fogueiras, seus licores e amores brejeiros movidos a sanfona pé-de-bode no sertão, ou a bandas caras com letras de duplo sentido nas cidades adiantadas.

Por aqui, nem mais se vê a alegria de farofeiros sujando a areia da praia; nem os sons de carros ligados às alturas, ao redor das barracas de ponta de rua. Os festejos do Dois de Julho também se foram. Até o carnaval, Senhor, está ameaçado; é uma alegria a menos, mas vai Lhe permitir o merecido descanso de ter que atender a tantos apelos de arrependimentos e pedidos de perdão.

Já no que se refere às eleições deste ano, mesmo adiando por alguns dias, estão confirmadas: sim, para poder continuar “tudo como dantes no quartel de Abrantes”.

Senhor, com a natureza com que contemplou os seres que aqui habitam, nem a morte segue mais o ciclo natural. Assim que se deixa de respirar, ou porque faltam respiradores, ou porque não falta quem desvia respiradores, ou pela força de alguns iluminados que pisam em pescoços que julgam escuros e feios; ou deixam crianças sozinhas em elevadores enquanto a mãe passeia com cães de gravata. Logo depois, os mortos são enterrados sem cerimônias e ritos, restando aos entes queridos lutos acumulados: pela perda do parente, pelo vazio e solidão, e pelo medo de ficar doente.

Esse cenário, Senhor, ao lado das condições gerais de superlotação de hospitais, e até de cemitérios, e do registro de inúmeros casos de doentes agonizantes, entubados ou não, cujas mortes se dão em pequeno espaço de tempo, e cujos corpos são enterrados sem a presença da família, tem nos levado a indagar: quantas dores podem suportar um coração machucado e quantas melancolias podem comportar tantas perdas não pranteadas e tantos lutos não elaborados?

E aqui me lembro de você, mestre Sigmund Freud. Você está percebendo que seu mal-estar na cultura não tem mais sossego, na versão contemporânea? De sólido, só não sublimou de vez para o estado gasoso, a esvaír-se pelo ar, porque o sociólogo Zygmunt Bauman resolveu inventar um estado intermediário introduzindo a modernidade líquida.

Mas fique sossegado, mestre, pois seus estudos teóricos e clínicos podem mudar de nome e de forma, ou podem ser omitidos, mal interpretados ou camuflados, mas continuam fazendo os mesmos efeitos. Continuam de pé as explicações que foram dadas a Albert Einstein, em 1932, quando o cientista, sentindo-se frustrado pelo fracasso da Liga das Nações em evitar o iminente segundo conflito mundial, lhe endereçou uma carta pedindo para elucidar, à luz de sua então recente teoria psíquica, as causas que levam o homem à sede de poder, ao ódio, à destruição e à guerra. Naquela ocasião, sofrendo de um câncer devastador, mas que ainda lhe permitia respirar, você teve a lucidez

---

<sup>1</sup> O presente texto, lido na Jornadinha do Espaço Moebius Psicanálise, realizada on line em 01 de julho de 2020, foi escrito no momento em que a pandemia do Covid-19 registrava centenas de milhares de mortes no mundo e dezenas de milhares, no Brasil.

<sup>2</sup> Escritor e psicanalista, membro do Espaço Moebius.

necessária para responder ao cientista reportando à gênese do direito; explicando que a lei geral que rege os conflitos de interesse entre os seres humanos guarda, ainda hoje, as mesmas marcas inerentes ao homem primitivo. De modo que os detentores de poder sempre irão tentar escapar ao controle das leis, colocando-se acima delas, passando a prevalecer aquilo que jamais deixou de habitar em seu inconsciente: a disposição natural à violência, à corrupção e à beligerância.

Quanto ao outro assunto aqui mencionado, as pessoas continuam se acometendo dos mesmos estados psíquicos descritos em 1916, em *Luto e melancolia*. Neste texto, você diz que ambos os fenômenos são uma reação, por parte do sujeito, à perda de um ente querido ou à perda de alguma abstração imaginária que ocupou seu lugar, a exemplo da liberdade, da pátria amada ou de algum ideal de completude. De nossa parte, lamentável é a constatação de que, no momento presente da situação deste país, estamos passíveis de enfrentar as duas situações: perdas de entes queridos e, ao mesmo tempo, perdas dos ideais relativos às liberdades e à possibilidade de legar um futuro promissor às próximas gerações.

Mesmo aqueles, Senhor, que rezaram na terra e tinham a esperança de Lhe encontrar no céu parecem já vacilar dessa certeza, depois de tanto padecerem na vida e ainda enfrentar um vírus miserável que parece sentir prazer quando alguém deixa de respirar. Ah!, essa moda agora voltou por aqui. Mas não foi uma novidade trazida pelo George Floyd, ele só permitiu lembrar o que está por trás das cortinas: americanas, brasileiras, baianas e nordestinas.

Aqui deste lado, neste país que vive deitado eternamente em um esplêndido divã, outra canção de finais dos anos oitenta já dizia: “não posso respirar, não posso mais nadar/a terra tá morrendo, não dá mais pra plantar”. Imagine, Senhor, o que poderá acontecer depois que soltarem as boiadas dos vaqueiros de gibão chique que se reuniram em um acampamento chique, em Brasília, bem no dia do aniversário de descobrimento do Brasil.

Eu até já ia dizendo que sentia pena do “menino da porteira”; sim aquele que foi decantado em uma música sertaneja dos anos cinquenta. Mas hoje ele já é adulto e pode se inscrever para as filas do auxílio emergencial, em vez de ficar em cima do portão esperando os boiadeiros passarem tocando berrante, na esperança de ganhar uma moeda. Só não vou saber se ele ainda vive “sem lenço e sem documento”, ou se vai poder dispor de um bom celular para conseguir acessar os aplicativos.

Mas, votando àqueles que rezaram e seguiram pensando em Lhe encontrar no reino do céu, nem pense que eles vão subir os degraus tranquilamente. Eles devem se lembrar da letra de outra música de um baiano que adverte: “se quiser falar com Deus tem que folgar os nós dos sapatos, da gravata, dos desejos”, e também da garganta e das camisas de saco; precisam ainda “lamber o chão dos palácios e dos castelos suntuosos, e comer o pão que o diabo amassou”.

E o senhor, seu diabo, por que diabos precisa amassar tanto pão, tanta batata, pepinos e abacaxis, para que homens, mulheres e meninos vivam empanturrados nesta guerra maluca, sem ao menos saberem no que vai dar, ou se ao final vai dar em “nada, nada, nada, nada, nada do que pensavam encontrar”?

Aqui na terra, até os órgãos dos sentidos acham-se limitados: não se cheira, não se toca, nem se beija, e o olhar é coisa passageira, pois, mesmo no supermercado e na farmácia, onde ainda nos arriscamos a passar, só de longe acenamos a um amigo, enquanto os demais nos lançam, sobre a máscara, olhares de lince desconfiados, como se vissem ao lado o inimigo portador do vírus mortífero.

Mas, “pra não dizer que não falei de flores”, logo depois do inverno virá a estação das flores, nem tão florida por aqui. Mas ainda restam algumas resistentes perfumadas, que embelezam nossos

jardins. E as crianças, agora livres da rotina diária da escola, brincam no quintal ou no playground, usufruindo da presença dos pais, muitos desses se mostrando agora mais mansos, e até ajudando na cozinha.

Ah!... vale dizer também que algumas aves em extinção estão reaparecendo; vários tipos de pássaros e micos-leões estão perdendo o medo de passear em alambrados e arranha-céus, nas avenidas; e as tartarugas marinhas, aos poucos, estão voltando a fazer desovas nas praias, agora com areias limpas e águas translúcidas por causa da ausência quarentênica dos responsáveis por infestar o planeta com toneladas de lixo: os seres des-humanos.

E, para subscrever esta missiva também com música, gostaria de lembrar outra letra do início dos anos oitenta para dizer: “nunca vi tanto rastro de cobra, nem couro de lobisomem”. E isso nos deixa numa situação que “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”.

Oxalá, Senhor, batam outra vez com esperanças os nossos corações!